

O contemplar de um Rio das Araras Grandes: Araçuaí e sua cultura

The contemplation of Araras Grandes River: Araçuaí and its culture

*Bárbara Souza Santos*¹

Resumo

Este artigo é uma pesquisa que gera um questionamento sobre a cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. A região sempre foi conhecida por seus baixos índices socioeconômicos e, por muito tempo, sucateada pelo governo federal, sem investimentos em saúde, educação e saneamento básico. Apesar desta definição, o povo surpreendeu: na década de 70, a localidade seguiu como pioneira em um movimento de resistência cultural que, atualmente, tomou todo o norte de Minas Gerais. Observando esse cenário, o objetivo do projeto é entender a dualidade dos fatos desse povoado que, apesar do título enviesado de Vale da Miséria, conseguiu sediar um levante da prática do coral, resgatando a sua identidade cultural. E assim, por meio dos cânticos de trabalho herdados de pai para filho e valorizados por grupos de canto, que o povo continua unido independente das adversidades. Como muitas informações estão perdidas ou não registradas, a pesquisa empírica foi a estratégia utilizada. Durante um mês, foram coletados arquivos do grupo *Coral Trovadores do Vale*, para usar os relatos e o tempo de existência como um recorte da história da cidade; entrevistas com os integrantes do coral, para humanizar a descrição; e dados oficiais do crescimento de Araçuaí na biblioteca municipal, com o apoio da prefeitura.

Palavras-chave: Araçuaí. Cultura. Coral. Identidade.

Abstract

This article is a research that generates a questioning about the city of Araçuaí, in Vale do Jequitinhonha. The region has always been known for its low socioeconomic levels and for a long time was scrapped by the government, without investments on health, education and basic sanitation. Based on this definition, the people surprised: in the 70's, the location proceeded as a pioneer on a resistance cultural movement that nowadays took the whole north of Minas Gerais. Observing this scenario, the objective of the project is to understand the duality of facts on this settlement that, despite of the skewed title of Misery Valley, could host an uprising of Chorus practice, rescuing their cultural identity. Thus, by means of working songs inherited from father to son and highlighted by singing groups, these people are united independently of adversity. As many pieces of information are lost or not registered, the empirical research was the used strategy. During a month, were collected archives from the choir group *Coral Trovadores do Vale* to use the stories and time of existence as a clipping of the city history; interviews with members of the choir, to humanize the description; and official data of the growth of Araçuaí on the municipal library, with the support of the town hall.

Keywords: Araçuaí. Culture. Choir. Identity

¹Estudante de Jornalismo. UAM (Universidade Anhembi Morumbi).

1. Introdução

Vale que vale cantar
Vale que vale viver
Vale do Jequitinhonha
Vale eu amo você.²

O Vale do Jequitinhonha está localizado na região noroeste de Minas Gerais e é dividido em: Alto Jequitinhonha (região de Diamantina e próxima de Belo Horizonte); Médio Jequitinhonha (região de Araçuaí, foco do artigo) e Baixo Jequitinhonha (a região de Almenara, próximo ao sul da Bahia). As cidades das regiões do Alto e Médio Jequitinhonha foram colonizadas a partir do século XVIII, que, por conta da descoberta de ouro e pedras preciosas no auge da atividade de mineração, formaram pequenos povoados em volta do rio Jequitinhonha.

Falar sobre a história de Araçuaí utilizando a sua primeira expressão cultural, o Coral Trovadores do Vale, não foi uma tarefa simples. Foi necessária uma pesquisa profunda, na qual os relatos históricos de um passado não tão distante se encontravam um tanto perdidos. Assim, fiz viagens para o local, no intuito de descobrir tais informações, conhecer a cidade que não visitava já fazia anos e, claro, conversar com os habitantes e com os membros do coral. Completando o tour, passei na capital mineira, Belo Horizonte, a título de resgatar o histórico do Coral Trovadores do Vale e conversar com o membro fundador do grupo, Frei Chico.

Depois de um mês convivendo com essa realidade, comecei a construir o caminho que utilizaria para contar a história da cidade e descobri que a melhor forma era deixar que as cantigas populares, por si só, fizessem essa trilha. Dessa maneira, a cada novo tópico destacado, ou período, inicio com uma música para explicar o sentimento do povo quanto a um ocorrido.

É importantíssimo destacar o papel do rio na história da cidade de Araçuaí, pois ele, dentro do artigo e do desenrolar dos fatos, se faz personagem. É do rio que a cidade surge, é por ele que as mulheres do povoado de Itira seguem até o ponto de segurança para se estabelecer, é também a forma de sustento da localidade e, infelizmente, é dele que surgem as catástrofes, como as enchentes. Todos esses períodos são retratados nas

² “Jequitivale”, composição e interpretação por Verono.

músicas e em movimentos do próprio povo quando, juntos, entram em procissão para, por exemplo, pedir para que haja chuva.

2. Formação da cidade

*“Canoeiro, canoeiro
Quê que trouxe na canoa
Trouxe ouro, trouxe prata
Trouxe muita coisa boa*

*Quem não me conhece chora Miquelina, ei
Que fará quem me quer bem, Miquelina.*

*Sou negociante, sou principiante
Comprador de ouro e de diamante
Tanto eu compro ouro,
Como eu compro gado
Não te dou dinheiro
Que eu não tenho trocado”³.*

Assim, através dos canoeiros, iniciou-se a história de fundação da cidade de Araçuaí, localizada no Médio Jequitinhonha. Na virada do século XVIII para o XIX, na confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha, foi criado um lugarejo chamado Barra do Pontal (atualmente Itira), coordenado pelo padre Carlos Pereira Freire de Moura.

Como sabemos, a instituição religiosa, sempre com a intenção de integrar um povoado numa mesma linhagem, não deixou de participar do processo de formação do povoado. Assim, Pe. Moura, na intenção de fundar uma cidade nos moldes tradicionais cristãos e mineiros, incomoda-se ao perceber o movimento e a relação entre os canoeiros e as mulheres que, além de serem comerciantes, se prostituíam para os trabalhadores. Para seguir os dogmas religiosos, o padre resolve expulsar as “pecadoras”, obrigadas, assim, a seguir o leito do rio chegando à Fazenda Boa Vista, na confluência do Córrego Calhauzinho com o Rio Araçuaí.

Muito bem recebidas e alojadas pela fazendeira Luciana Teixeira, as moças por lá ficaram, fazendo, por conseguinte, que os canoeiros as seguissem e formassem um novo porto nessa região, chamado Barra do Calhau, por volta de 1830.

³ “Canoeiro”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Filomena Maria de Jesus – Araçuaí, MG.

Barra do Calhau, cujo nome foi dado pela quantidade de pedras redondas existentes ali, em 21 de setembro de 1871, elevou-se ao estado de cidade, sendo, naquele momento, a cidade de Araçuaí, dos Rios das Araras Grandes, de origem indígena:

Naquela época, o comércio em toda região era feito pelos canoieiros, que tinham como ponto de referência a Fazenda da Boa Vista, de Luciana. E assim, em 1817 surgiu o Arraial Calhau que em 21 de setembro de 1871, emancipou-se, tornando-se a cidade de Araçuaí, que na linguagem indígena significa Rios dos Pássaros Grandes. Era um município extenso, com 11 distritos limitando-se com Minas Novas, Grão Mogol, Salinas, Teófilo Otoni e o Estado da Bahia. (POPULAR, 1997/2000)

Entre 1880 e 1885, a região tinha a função de grande entreposto comercial, através da atividade dos canoieiros, os quais levavam para o Norte produtos de beira-mar e retornavam com produtos da lavoura. Porém, no final do século XIX, com trens funcionando normalmente entre as cidades de Caravelas e Teófilo Otoni, o assoreamento dos rios e o tráfego pelas estradas se intensificaram, fazendo com que o comércio fluvial e o negócio dos canoieiros fossem, aos poucos, abandonados. Assim, com a decaída desse ciclo comercial, a população rumou para o artesanato, a pecuária de corte e a agricultura de subsistência.

Em 1929, uma enchente assolou Araçuaí, trazendo, claro, muitas perdas, mas com um saldo positivo, pois, como a catástrofe atingiu as construções baixas da cidade, houve a valorização do comércio da fabricação de telhas e tijolos. Assim, deu-se o início do processo de expansão da cidade e, tanto as famílias como os comerciantes, conseguiram, vagarosamente, se recompor.⁴

Em decorrência desse avanço, no ano de 1942, chegou à cidade a Maria Fumaça, responsável por levar produtos até a Bahia, gerando vários conglomerados rurais em torno da linha férrea, como Alfredo Graça e Engenheiro Schnnor. Tempos depois, a importação de mercadorias deslocou-se da Bahia para o Rio de Janeiro, fazendo com que a estrada de ferro se extinguisse.⁵

A partir das décadas de 1960 e 1970, o povo acompanhou a olhos nus a invasão de suas terras por falsos fazendeiros, ou seja, empresas reflorestadoras de fora da região que, através do eucalipto, vieram com a intenção de abastecer as indústrias siderúrgicas,

⁴ Estrutura Urbana e do Território Nacional – Araçuaí, MG.

⁵ Estrutura Urbana e do Território Nacional – Araçuaí, MG, p. 03

de papel e celulose. Esse movimento desencadeou uma freada na migração dessa população para o trabalho na lavoura, no interior de São Paulo.⁶

Por mais que houvesse um discurso de conduzir o local para a “modernidade e progresso”, as empresas faziam investimentos transitórios e entravam apenas com o interesse financeiro. A CODEVALE (Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha), mesmo sem receber incentivos governamentais, tentou atrair grandes companhias para a localidade por conta do novo slogan para o Vale, mas o retorno não foi o mais promissor:

A CODEVALE (Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha), desde 1964 autarquia vinculada ao sistema estadual de Planejamento, não foi capaz de levar a mudanças substanciais o quadro socioeconômico da região. O povo até brinca que a CODEVALE nem acode e nem vale. (POEL, 1987)

3. Coral Trovadores do Vale

*“Ainda bem não cheguei,
Cheguei perguntando:
Cadê Mariquinha?
Ta na fonte chorando!
Eu fui lá pergunta ela, ai meu Deus,
O que tem que ta chorando, ai meu Deus,
Estrela do Norte olêolê,
O amor é firme
O rabicho é forte
O amor perfeito
Casamento é sorte
Hoje é a primeira vez, olêolê
Que eu aqui venho cantar, olêolê
Eu também peço licença Para quando aqui voltar,
Estrela do norte, olêolê”.*⁷

É nesse cenário de 1960/70, com o slogan de “modernidade e progresso” que caminhou Frei Francisco van der Poel, da Ordem dos Frades Menores (OFM), um franciscano holandês, que chegava à cidade de Araçuaí para ser missionário após ter notícias da falta de padres no Brasil. Os franciscanos têm como missão ser representantes da Igreja em relação aos fiéis, ou seja, tomar contato com as questões sociais passadas por esse “Povo de Deus”. Depois de devidamente acomodado em sua residência, conheceu a cozinheira e cantora das horas vagas, D. Filomena, que entoava os cantos

⁶ Guerrero (2009), p. 85

⁷ “Ainda Bem que Não Cheguei”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Filomena Maria de Jesus – Araçuaí, MG.

regionais populares (desde músicas de trabalho até louvores religiosos) os quais, de tão simplistas e sinceros, encantaram o holandês, Frei Chico. A partir daí, ele mergulha nesse caldo cultural do Vale e, conjuntamente, tem um papel fundamental na divulgação dessa região, no intuito de valorizá-la e situá-la nacionalmente.⁸

O conhecido Frei Chico continuou encantado com as cantigas, quando começou a ministrar as suas primeiras missas, percebeu que os cantos religiosos não representavam a realidade daquele povo e estavam muito distantes dela. Assim, ele resolve contatar pessoas para participar de um coral que, primeiramente, teria o compromisso de alegrar a missa e, nos momentos de folga, iria aprender, ensinar e divulgar as músicas próprias do Vale do Jequitinhonha. Em 9 de agosto de 1970, é fundado, oficialmente, o Coral Trovadores do Vale, contrariando certa atmosfera sufocante em nível nacional.

“Razão do nome: Por ser um coral cantador de músicas religiosas e folclóricas, típicas da região e, como a título de promoção da própria cultura musical do Vale do Jequitinhonha, que, embora em estilo simples, é bastante rica. Promover, valorizar e divulgar a música religiosa e folclórica que o povo canta ou que já cantou, é sua missão. O cantar do homem do Vale, tem muito a ver, muita coisa em comum com sua realidade”. (Coral Trovadores do Vale – Resumo Histórico).

Meses após a fundação do grupo, Maria Lira Marques, frequentadora assídua das missas aos domingos, foi convidada pelo amigo Walter a comparecer a um dos ensaios do Coral. Ao chegar, Marques identificou-se rapidamente, já que sua mãe cantava ao fazer as atividades do lar. De tão encantada com a causa dos Trovadores, ela e Frei Chico percorreram todo o Vale do Jequitinhonha durante 10 anos, gravando 250 fitas cassetes sobre músicas folclóricas, forma do plantio de alimentos, educação das crianças, relacionamentos de antigamente, ervas medicinais, entre outras riquezas.⁹

“Ei pau, ei pau, ei pau...”

*As mocinhas da cidade, oi lai
Já não cortam mais cabelo, oi lai
Vive sentada na calçada, oi lai
Namorando os machadeiros, ei pau danado.*

*Ei, ei machadeiro, oi lai
Que corta dos dois lado, oi lai
Aqui eu sou solteiro, oi lai
Lá em casa eu sou casado, ei pau danado.*

*Ei pau, ei pau, olêolê pau
Ei pau, ei pau, olêolê pau*

⁸ Informações coletadas na entrevista com Frei Chico, julho de 2014.

⁹ Informações coletadas na entrevista com Maria Lira Marques, julho de 2014.

*Ei pau, machado quebrou, cabo lascou
Eu sou de sinhá, eu sou de sinhô.*

Ei Pau! Arreda gente que lá vai pau!”¹⁰

No início, os Trovadores não foram bem recebidos pela população araçuaiense, já que corriam por lá comentários sobre “mostrar o atraso da cidade para todos”. Depois de sua ascensão, quando começaram a fazer mais apresentações fora da região mineira, o reconhecimento veio aos poucos, os comentários maldosos foram se extinguindo até que o povo começou a dar valor àquilo que lhes pertencia. Desde então, foram gravações de trilhas sonoras para filmes, cantorias na TV Tupi no programa *Factorama*, apresentações em casamentos e em Belo Horizonte.¹¹

“Está é a cultura própria do homem pobre do Vale. Os outros se identificam com aquela que lhes é imposta pela TV e pelos supermercados. Por exemplo, quando o Coral Trovadores do Vale foi apresentar-se em São Paulo e cantou na TV Globo batuques de Araçuai, houve quem comentasse ‘Isto é só para mostrar como somos atrasados’(1971)” (In: POEL, 1987)

Na década de 1980, precisamente no ano de 1984, houve uma das primeiras heranças concretas do grupo, com a gravação do primeiro LP chamado “Ainda bem não cheguei”. Em continuidade, fizeram apresentações em Brasília, no Festivale (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha), participaram do filme “Artes Populares”, entre outras atividades.¹²

Já na década de 1990, o marco foi a quantidade de apresentações feitas por ano, sempre a partir de cinco, e em diversos locais do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, cidades do sul e norte de Minas Gerais. Para fechar bem a década, gravaram o primeiro CD do Coral “Ainda bem não Cheguei”, em Araçuai.¹³

4 Araçuai pós-anos 1960

Enquanto o Coral ganhava, a passos curtos, o seu espaço e reconhecimento Brasil afora, a cidade natal do grupo passava por problemas de diversas ordens. Em 1975, iniciou-se uma inexpressiva distribuição de energia elétrica para a população, porém, não

¹⁰ “Dois Cantos dos Machadeiros”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: José Gomes dos Santos – Carai, MG.

¹¹ Informações coletadas na entrevista com Maria Lira Marques, julho de 2014.

¹² Informações coletadas nos documentos oficiais cedidos pelo Coral Trovadores do Vale.

¹³ Informações coletadas nos documentos oficiais cedidos pelo Coral Trovadores do Vale.

eram todos que faziam as ligações, visto que as condições para sustentar esse gasto não existiam (PUNTEL, 1978, p.27-28).

Na virada de 1976 para 1977, houve nove meses consecutivos de seca, trazendo consigo a fome, a morte do gado, rios e afluentes exauridos, e a agricultura, ainda que bem primitiva, transformou-se em nada.

Ainda segundo Puntel (1978), o cenário era desastroso: a qualidade de vida da população seguia aos frangalhos, com doenças transmissíveis (Doença de Chagas, Esquistossomose, Verminose, desnutrição e entre outras), falta de água encanada em algumas cidades e, nas regiões rurais, não se tinha acesso a fossa, chuveiro ou filtro:

A origem do grande número de problemas de saúde do Jequitinhonha – segundo a CODEVALE – reside na baixa qualidade da água consumida. Para começar, poucas são as cidades que possuem água tratada e encanada. Apenas 38 dos 52 municípios contam com serviços de água em suas sedes, com média de 38% da população abastecida. (PUNTEL, 1978, p.27).

A doença atingia quase todas as famílias, já que o socorro era muito distante e as estradas, de péssima qualidade. O sistema de saúde era totalmente desarticulado, com falta de hospitais, médicos e outros segmentos fundamentais. Segundo Frei Francisco van der Poel OFM, a mortalidade infantil, na época, era de 127 por mil:

“No Vale a taxa de escolaridade está em torno de 55%, uma das mais baixas do Brasil. 90% dos professores primários não cursaram além da terceira série ginásial. (Idiná Almeida em ‘Tribuna de Minas’. 23/03/82). A saúde pública é calamitosa. Há falta de hospitais, postos de saúde, médicos, dentistas e oftalmologistas. A mortalidade infantil é de 127 por mil.”. (POEL, 1987).

Segundo Puntel (1978), “o sistema educacional do Vale do Jequitinhonha apresenta, hoje, uma estrutura desarticulada e a produtividade discutível” (PUNTEL, 1978, p.28). Era comum encontrar escolas em garagens ou barracões abandonados; muitas não possuíam piso, água encanada ou portas. Os moradores da zona urbana até garantiam o ensino médio, mas os localizados em lugares mais afastados da cidade só tinham acesso até o 3º ano do primário, com professores de baixa formação:

Existem escolas para a formação de professores. Mas o grande o problema é que as professoras formadas não se sujeitam a um ‘salário da fome’. E por isso, não ficam na zona rural. Assim é que a situação do sistema educacional é simplesmente deplorável. As verbas destinadas para a sua melhoria são poucas e custam a chegar. ‘Com muito custo consegue-se, de quando em quando, auxílio para a construção de mais dez escolas rurais (...). (PUNTEL, 1978, p.28).

Desde então, repartições estaduais e até mesmo a grande mídia começaram a estigmatizar a região, usando de adjetivos como Vale da Miséria, Vale da Pobreza, Vale

das Lágrimas, entre outros.¹⁴ Bem pontuado por Margarida Moura, o Vale do Jequitinhonha foi considerado “a área de pobreza absoluta e estagnação secular (...). Uma ferida de subdesenvolvimento em Minas Gerais”. (MOURA, 1988, p. 01).

No ano de 1979, porém, outro tormento entrou na história: uma enchente mudou a vida urbana da cidade de Araçuaí. Dessa vez, ela veio mais intensa, obrigando a criação de um novo ponto para o mercado municipal. Aos comerciantes restou o investimento em novas construções.

Em 03 de fevereiro, enquanto a comissão central se reunia para se organizar os vários setores de trabalho, chegou pelo DAE (Departamento de Água e Energia), um rádio de Berilo que chegaria nova quantidade de água, um metro e meio a mais do que a anterior. Novo pânico, nova corrida, novas acomodações. É nosso dever ressaltar que nossa comunidade religiosa e mais algumas pessoas da comunidade local, e alguns dos 750 desabrigados, que se achavam no Colégio, participaram de uma Vigília de orações, pedindo a Deus misericórdia. As águas foram subindo, subindo. Às duas horas da madrugada saímos para constatar aquela dura realidade. As águas subiram 11 metros acima do nível (...). As embarcações navegavam pelo centro da cidade. Aquilo parecia um sonho. O povo passivamente assistia aos desmoronamentos de casas, talvez a sua única riqueza!. (BOTELHO, 2007, p.).

A zona leste da cidade apresentava chances de crescimento, dado que havia grandes áreas de topografia amena e condições de conforto ambiental, elemento esse essencial para uma região quente, com uma ventilação privilegiada. O custo nessa localidade também era atrativo. Houve um êxodo rural por falta de infraestrutura física e econômica, propiciado pela climatologia regional, sem omitir o fato da caracterização da localidade por “expulsar a mão de obra rural”. A agricultura, em contraponto, desenvolve uma tendência de crescimento, pois se tentou uma substituição do regime de subsistência pelo comercial.¹⁵

A partir dos anos de 1980, houve uma diminuição na expansão das atividades de reflorestamento e, por conta desse acontecido, iniciou-se um incentivo para área do parque cafeeiro. Dessa forma, através das atividades de reflorestamento e da cafeicultura, aliadas a expansão da pecuária bovina, houve a modificação das relações sociais e de produção. Naquele momento, o assalariamento da força de trabalho, entre trabalhadores temporários e permanentes, aumentou cerca de 10% em relação à década de 70.¹⁶

Já nos anos 1990, mesmo com a aposta na agricultura comercial, o sistema de subsistência permaneceu, objetivando a sobrevivência das famílias araçuaienses:

¹⁴ Informações coletadas em entrevista com Maria Lira Marques, julho de 2014.

¹⁵ Estrutura Urbana e do Território Nacional, Araçuaí – MG, p. 05.

¹⁶ Dados do IBGE/2008.

Constata-se que a maioria absoluta dos produtores familiares no Município de Araçuaí (95%) se encontra dentro da categoria: 'produtores de subsistência e sobrevivência'. Mais ou menos 4000 famílias desta categoria, vivem em 67 comunidades, espalhadas no município. Algumas poucas famílias se encontram numa situação de transição, ou seja, com uma produção constante para entrar no mercado. Estes produtores sofrem sérias dificuldades para melhorar a quantidade e qualidade dos seus produtos (farinha, goma, rapadura, açúcar mascavo, cachaça, queijo, doces e frutas). Não existe até agora uma instituição que centralize e organize a produção que não está sendo comercializada no mercado local. O desenvolvimento da agricultura familiar está seriamente freado por falta desta estrutura, que daria suporte no beneficiamento e na comercialização dos produtos". (POPULAR, 1997/2000).

A agricultura era bastante diversificada, com uma grande oferta de milho, feijão, mandioca, hortícolas, manga e citrus. O excedente da produção, de cunho fundamental, sustentava, em parte, o mercado local e, no conjunto, gerava uma pequena riqueza. A agricultura familiar é articulada por atividades complementares como artesanato e pequenas indústrias caseiras. As formas de trabalho variavam de estacionais a eventuais compras de serviços. Havia, ainda, o trabalho de troca de dias e os mutirões, devido a proximidade familiar da população e os laços de amizade.¹⁷

É rotina, ainda, a venda de dias de serviço para aqueles que detém uma maior área de terra e, é com quem se obtém muitas vezes o crédito para viabilizar o plantio das lavouras. (...) É bastante expressivo, enquanto fonte de renda articuladora dos negócios da propriedade, as pequenas indústrias caseiras, principalmente do leite, de frutas, farinha e de polvilho, saída encontrada pelas famílias como forma de agregar valor à sua produção. Os laços de amizade e parentesco, bem fortes no município, aliados à organização comunitária existente em quase toda área, são outra forma de agregar valor à produção, sendo muito comum a existência de pequenas indústrias de transformação como as 'tendas de farinhas comunitárias', condição básica, aqui, para o beneficiamento da mandioca em maior escala. (POPULAR, 1997/2000)

As lavouras eram cultivadas por métodos rudimentares, enfrentavam situações climáticas adversas, com má distribuição das chuvas ou secas. Segundo o Plano Municipal de Desenvolvimento Rural do Município de Araçuaí, as terras "apresentavam baixa produção e produtividade, o que está intimamente ligado com o não acesso aos insumos, assistência técnica insuficiente e não acesso aos maquinários". (Plano Municipal, 1997/2000, p. 09).

Os chefes de família e os jovens migravam para outras regiões em busca de trabalho para formar capital de giro ou investir no melhoramento da sua propriedade. Enquanto estavam fora, as mulheres assumiam os negócios e, claro, representavam sua saudade através dos cantos durante as atividades.

¹⁷ Dados do IBGE/2008.

*“Da Bahia mandei vim
Duas tesouras de ouro
Uma prá cortar ciúme
outra prá cortar namoro*

*Margarida se eu bem soubesse
que ocê era tecedeira
Eu mandava vim da Bahia
Pente fino e lançadeira*

*O dinheiro de São Paulo
É dinheiro excomungado
foi dinheiro de São Paulo
que levou meu namorado*

*Menina suspende a saia
Moda n'água não barrar
que a renda custou dinheiro
dinheiro custou ganhar*

*Palmatória quebra dedo
chicote deixa vergão
Cacetete quebra costela
mas não quebra opinião”¹⁸*

A técnica de “vazantes”, ligada à produção do gênero de hortículas, era feita nas margens dos córregos ou rios, nas estações mais frias do ano. Cultivava-se, em maior expressão, a manga espada e, em menor, abacaxi, mamão e banana. Quase todas as famílias possuíam criações extensivas de galinhas, para fornecer carne e ovos. A criação de porcos, muito menos numerosa, estava condicionada ao espaço disponível e ao sucesso da produção da lavoura. O excedente das produções de hortículas, das frutas e da pecuária, era comercializado nas feiras livres de quarta-feira e aos sábados.¹⁹

5. O homem do Vale

O homem do Vale do Jequitinhonha apresenta uma personalidade esperançosa; mesmo castigado pelos períodos de seca e enchentes, aguarda, ansiosamente, por dias melhores. Quando estes não vêm, revela a união, o fruto da sua força. A esperança é alimento, mesmo quando sai de sua terra natal em busca de ganhar “um trocado a mais”

¹⁸ “Dança da Tecedeira”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Luiza Teixeira Ramalho (1978) – Araçuaí, MG.

¹⁹ Plano de Desenvolvimento de Araçuaí (1997/2000), p.09. Araçuaí, MG.

e com a consciência pesada ao ter de deixar sua família. Mas o “audaz guerreiro” é lembrado constantemente como nessa cantiga de nome “Roda do Valentino”:

*“Segue Valentino, Valentino traz, traz
Segue Valentino, que ele é um bom rapaz
Segue Valentino, Valentino sou eu
Roda a moreninha que esse par é meu*

*No Estado de São Paulo
Não precisa mais chover
Só os olhos do meu bem
Faz o mato enverdecer*

*Voce de lá e eu de cá
ribeirão passou no meio
‘Cê’ de lá dá um suspiro
eu de cá suspiro e meio*

*Minha mãe me xingou feia
ela que quer ser bonita
minha é a roseira
E eu sou um lacinho de fita*

*Subi no alto do morro
Para ver o sol nascer
Avistei o povo todo
Só você não pude ver”²⁰*

O homem do Vale do Jequitinhonha tem sua religiosidade própria; quando, em momentos difíceis, se juntam em procissão para clamar por água, transformam os dizeres da religião em canto, cheio de um sentimento genuíno e simples, como vemos no canto Penitência:

*“Piedade, Senhor, piedade (2x)
Piedade, Senhor, piedade (2x)
Oh que nuvem tão bonita (2x)
Nosso Senhor que manda chuva (2x)*

*Manda chuva por esmola (2x)
Daí o pão que nos consola (2x)*

*Piedade, Senhor, piedade (2x)
Piedade, Senhor, piedade (2x)”²¹*

²⁰ “Roda do Valentino”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Clemência “Mença” Santos Fernandes (1977). Araçuaí, MG.

²¹ “Penitência, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Rezadeiras do Coral (1978). Araçuaí, MG.

Esse homem vive no espírito de comunidade, é solidário, trabalha sempre em conjunto e, nessa conjunção, encontra alegria, sendo capaz de atravessar qualquer adversidade a que for exposto. Ele nos oferta uma nova interpretação para a pobreza, sendo que esta, segundo Vitor Valla, “é um fato e um sentimento de múltiplos sentidos”. Ou seja, eles, que passam por esta situação, a encaram de forma esperançosa enquanto “os de fora” permitem-se a apenas abandonar e estigmatizar a região.

Às vezes tenho mesmo a impressão de que o povo esteja desanimado, sem esperança. Sem muita perspectiva. (...) Os jovens, as melhores forças, partem cada ano para outras plagas, assim como muitos pais de família. Daí famílias divididas e situações penosas de quem vai e se perde ou não envia ajuda para os que ficam na miséria. Só a fé sustenta muitos no meio de tantas tribulações! (D. Silvestre Scandian).

É “no meio de tantas atribulações” que está o papel da musicalidade da região. A música atravessa todos os estágios da vida desse povo, desde o seu trabalho até suas festividades. Assim, as canções são muito mais que uma saída para os problemas, são uma representação do mundo local, em que se relembra a história passada, internaliza-se esta e se repassa para as próximas gerações.²²

Essa música carrega consigo uma função sociopolítica, pois, como há a tentativa de resgate cultural, devolve à população sua identidade e dignidade que, por muitas vezes, foram abaladas, acarretando a descrença em “dias melhores”.²³

As letras são constituídas por versos simples, construídos através da improvisação e várias vozes, revelando a identidade do povo, embora haja também a participação solitária de indivíduos que queiram incluir seu verso dentro da cantoria, representando, também, certa pessoalidade. Na cantoria “Saudade de Taperoá”, por exemplo, há uma possibilidade de improviso, pois a letra “oficial” é pequena e oferece esse espaço:

*“Eu tenho saudade de Taperoá
Oi leva eu beleza, leva eu pra lá
Leva eu beleza, leva eu pra lá*

*Agora me deu saudade
não posso dizer de quem
está longe desta terra
quem meu coração quer bem*

*Quem me dera que eu visse hoje
quem eu vejo todo dia
que meus olhos enchia d’água
meu coração de alegria”.*²⁴

²² Vale que canta – História da música folclórica da região do Vale do Jequitinhonha, p. 03.

²³ Vale que canta – História da música folclórica da região do Vale do Jequitinhonha, p. 03..

²⁴ “Saudade de Taperoá”, interpretada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Odília Borges Nogueira (1974). Araçuaí, MG.

6 . O Coral Trovadores do Vale e Araçuaí hoje

Dos anos 2000 até os dias de hoje, os Trovadores fizeram diversas apresentações, tanto na cidade de Araçuaí como em cidades vizinhas. Em 2006, relançaram o CD “Ainda Bem Não Cheguei” e desde então fazem apresentações em eventos culturais no Vale do Jequitinhonha e congressos em Belo Horizonte. Em 2013, apresentaram-se no SESC Santo André (SP) e, em julho de 2014, cantaram no FESTIVALE (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha), na sua cidade natal, Araçuaí.²⁵

Araçuaí, atualmente, tem sua população com cerca de 36 mil pessoas, sendo que mais da metade (79%) é alfabetizada e a maioria reside na zona urbana. A supremacia dos habitantes é composta de jovens entre 15 e 19 anos.²⁶

O setor agrícola é o forte da economia, embora de baixa expressividade, já que não lhe é agregado um valor de produção e sua produtividade é diminuta. A exploração mineral é significativa, porém informal, sem preocupação com o meio ambiente ou a valorização da matéria prima. Os agricultores produzem feijão, cana, mandioca, milho, banana, manga, coco e outros produtos.²⁷

Integralmente, esses dois setores citados acima – agricultura e exploração mineral – são responsáveis pela metade da riqueza regional, mas, pela falta de registros oficiais, essas atividades ocorrem de modo indevido e sem capacitação dos setores primário e secundário para o ingresso no mercado. O Vale enfrenta, ainda, vários problemas sociais relacionados à baixa produção de bens e serviços, renda *per capita* miúda, entre outros problemas. O enfrentamento dessas situações e a procura da geração de emprego esbarram, sempre, na falta de estrutura e pouca qualificação profissional dos munícipes de Araçuaí.²⁸

A cidade apresenta uma dualidade e um contraste bem marcados, entre uma região mais pobre e outra reformada. O estigma, muitas vezes tratado nesse local, é falso, pois o que acontece é a falta de investimento com benefícios permanentes para a população. Apesar de todas as adversidades de que Araçuaí foi acometida, Maria Lira Marques, em

²⁵ Informações coletadas nos documentos oficiais cedidos pelo coral Trovadores do Vale.

²⁶ Dados do IBGE/2010.

²⁷ Dados do IBGE/2008.

²⁸ Dados do IBGE/2008.

entrevista, resume o sentimento de esperança que nutre aqueles que trabalham diariamente para que esse “slogan” seja extinto:

O Vale tem muitos títulos, Vale da miséria, Vale das lágrimas... Não dá para negar a pobreza, mas tem o lado da cultura que precisa ser valorizada e mostrada. O Vale não tem mais esses títulos, por conta desses outros lados e do lado humano que tem. (2014)

7. Considerações finais

Depois de um ano de pesquisa, meu olhar para o Vale do Jequitinhonha e para Araçuaí transformou-se. De início, pensava e escutava vários dos estigmas citados durante todo esse artigo e planejei o meu processo a partir dessas primeiras visões. Porém, com as idas à cidade e com as diversas entrevistas que fiz, descobri e entendi o real significado de toda a manifestação cultural ali existente. Não é apenas uma saída para as dificuldades, mas uma nova forma de encará-las e, também, passar a diante a riqueza de um patrimônio que não é apenas regional, mas sim nacional.

Alegro-me de perceber que estava errada inicialmente e verificar que a situação de extrema pobreza faz parte de um passado próximo serviu de aprendizado. Hoje, Araçuaí ainda passa por problemas estruturais, porém, melhorou e agora busca o desenvolvimento.

Nessa pesquisa estive em contato não só com histórias, mas com vidas que se cruzam para trazer ao seu povo aquilo que os pertence, de forma alegre, simples e muito solidária. Pessoas maravilhosas, sempre dispostas a ajudar e compartilhar aquilo que sabem. Entendi, conforme o andamento do projeto, que conseguiria muito mais informações pelo “boca a boca” do que em documentos, pois essa é a maneira que eles passam e mantém a história por lá e, claro, sou muito grata a todos eles.

Por isso são importantes iniciativas de estudo desses locais para que a história não se perca, já que nós somos passíveis à morte, mas nossas palavras escritas, articuladas e bem organizadas garantem que esses acontecimentos serão guardados e, futuramente, utilizados como fonte de pesquisa para outros estudiosos, como eu usei. Assim, o que deixo para os leitores são os relatos e um mapeamento do que aconteceu na cidade de Araçuaí nos anos ditos “esquecidos” pelos governos, através de 45 anos de existência do coral Trovadores do Vale.

Referências

- BOTELHO, Irmã Valéria. **Pequena História das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas no Brasil**. Outubro de 2007. Araçuaí – MG.
- CORAL TROVADORES DO VALE. **Histórico do Coral Trovadores do Vale 1970 a 1991**. Vol. 01 e 02. Membros do Coral.
- CORAL TROVADORES DO VALE. **Resumo Histórico coral Coral Trovadores do Vale**. Araçuaí MG.
- COSTA, Cristina. **Sociologia** – Introdução à ciência da sociedade. Moderna. 3ª Ed. São Paulo, 2005.
- GUERRERO, Patrícia. Vale do Jequitinhonha: a região e seus contrastes. **Revista Discente Expressões Geográficas**, nº 05, ano V, p.81 – 100. Florianópolis, maio de 2009.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura** – Um conceito antropológico. Jorge Zahar Editor Ltda. 24ª Ed. Rio de Janeiro, 1986.
- POEL, Frei Francisco van der. OFM.. **Cultura Popular no Médio Jequitinhonha**. 1987. Araçuaí ,MG.
- OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia de grupos urbanos**. Editora Vozes Ltda. Rio de Janeiro, 1985.
- PEREIRA, Leopoldo. **O município de Araçuaí**. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1969.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAÇUAÍ. Plano Municipal de Desenvolvimento Rural do Município de Araçuaí – MG. Administração Popular 1997/2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACUAI. Estrutura Urbana e do Território Municipal. Araçuaí, MG.
- PUNTEL, Joana T. O abandono de um povo, no Jequitinhonha. **Revista Família Cristã**. Abril de 1978.
- SALVADOR, Fernanda. Fazedores do nosso chão. Disponível em <fazedoresdonossochao.wordpress.com>. Acesso em 16 de julho de 2014.
- SOUZA, Eliene Gomes Santos de. **História da fundação da cidade de Araçuaí: Contextualização do Desenvolvimento da Cidade entre 1871 a 1971**. Araçuaí, 2012.
- SOUZA, João Valdir Alves de. HENRIQUE, Márcio; SIMEONE, Lucia. **Vale do Jequitinhonha** – Formação Histórica, Populações e Movimentos. Proex UFMG, 2010.
- SOUZA, João Valdir Alves de. **Nota Científica: Fontes para uma reflexão sobre a História do Vale do Jequitinhonha**. Montes Claros. 2003.
- VALLA, Victor V.; STOTZ, Eduardo N.; ALGEBAILLE, Eveline B. (Org.). **Para entender a pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.

Fontes Primárias (entrevistas)

FREI FRANCISCO VAN DER POEL OFM: entrevista realizada no dia 21 de junho de 2014. Betim – MG.

JANAINA FERREIRA XAVIER: entrevista realizada no dia 10 de julho de 2014. Araçuaí – MG.

MARIA DE FÁTIMA MARQUES: entrevista realizada no dia 09 de julho de 2014. Araçuaí – MG.

MARIA LIRA MARQUES BORGES: entrevista realizada no dia 02 de julho de 2014. Araçuaí – MG.

MIRACY PEREIRA DA SILVA: entrevista realizada no dia 01 de julho de 2014. Araçuaí – MG.

SEBASTIÃO ROQUE: entrevista realizada no dia 03 de julho de 2014. Araçuaí – MG.

WALLERSON LUCAS SIQUEIRA DE AGUILAR: entrevista realizada no dia 10 de julho de 2014. Araçuaí – MG.